

## O cultivo de alimentos em áreas do leste do Maranhão: um olhar para o município de Matões

*Alcebiades Costa Filho<sup>1</sup>*  
*Francisco Rairan dos Santos Vilanova<sup>2</sup>*  
*Salânia Maria Barbosa Melo<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente texto é sobre a história da agricultura no Maranhão, particularmente o cultivo de alimentos, em municípios do leste maranhense, destacando Matões. A cultura de gêneros alimentícios se instalou na região no século XVIII, correlacionada com a pecuária, que a historiografia considera atividade da maior importância econômica na ocupação do território. Perenizaram-se as culturas agrícolas ali desenvolvidas, sendo, ainda hoje, cultivadas pelas populações locais. Para a construção do diálogo proposto, foi necessário fundar a pesquisa em diferentes conjuntos documentais, dados estatísticos e periódicos temáticos de caráter oficial, bibliografia sobre a agricultura e pesquisa de campo.

**Palavras-chave:** Agricultura. Cultivo de Alimentos. Municípios do Leste Maranhense. Matões.

**Abstract:** This text is about the history of agriculture in Maranhão, particularly the cultivation of food, in municipalities in the east of Maranhão, highlighting Matões. The culture of foodstuffs was installed in the region in the 18th century, correlated with livestock, which historiography considers an activity of the greatest economic importance in the occupation of the territory. The agricultural crops developed there were perennialized and are still cultivated by local populations today. For the construction of the proposed dialogue, it was necessary to base the research on different documentary sets, statistical data and thematic journals of an official character, bibliography on agriculture and field research.

**Keywords:** Agriculture. Food Growing. Municipalities of Eastern Maranhense. Matões.

### Food cultivation in areas of eastern Maranhão: a look at the municipality of Matões

---

<sup>1</sup> Professor doutor da Universidade Estadual do Piauí e Universidade Estadual do Maranhão. As últimas revisões deste artigo ocorreram entre fevereiro e março de 2020, período assinalado pelo enorme vazio deixado pelo Ralfe, cão pastor alemão, que durante treze anos alegrou e protegeu sua família. [alcebiadescf@yahoo.com.br](mailto:alcebiadescf@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Aluno do curso de História da Universidade Estadual do Piauí. [franciscorairanvilanova@gmail.com](mailto:franciscorairanvilanova@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora doutora Universidade Estadual do Piauí e Universidade Estadual do Maranhão. [salaniamelo@hotmail.com](mailto:salaniamelo@hotmail.com)

## Introdução

A finalidade deste artigo é evidenciar aspectos do cultivo de alimentos no leste do Maranhão, observando particularmente culturas agrícolas. O foco da observação é o município de Matões, localizado na microrregião de Caxias,<sup>4</sup> mesorregião Leste maranhense.<sup>5</sup> O recorte temporal abrange três períodos, determinados pelos conjuntos documentais consultados. O primeiro período, referente à segunda metade do século XIX, as fontes de consulta foram o “Dicionário Histórico Geográfico da província do Maranhão”,<sup>6</sup> de Augusto César Marques e o Censo demográfico de 1872. O segundo período compreende a primeira metade do século XX, tem como fonte de pesquisa censo demográfico de 1950 e a “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros”, editada em 1959 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O terceiro e último período compreende as primeiras décadas do século XXI, é estruturado com base no Censo demográfico 2010, Censo Agropecuário 2017, realizados pelo IBGE, diversos periódicos do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos-IMESC e, também, relatos de pessoas da zona rural de Matões.<sup>7</sup>

No final do século XVIII, no leste do Maranhão, entre o rio Parnaíba e o Itapecuru ficavam Aldeias Altas, hoje cidade de Caxias, e Pastos Bons, ambos considerados espaços estratégicos na região.<sup>8</sup> Aldeias Altas era uma povoação originária de aldeamento indígena, área de influencia dos padres jesuítas, subsistia da criação de gado e da agricultura. Pastos Bons era um vasto sertão com fazendas de criar gado bovino e baixa densidade demográfica.<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup> Terminologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, vigente entre 1989-2017. Municípios que configuram a microrregião de Caxias: Caxias, Timon, Buriti Bravo, Matões e Parnarama.

<sup>5</sup> Terminologia do IBGE, municípios que configuram a mesorregião do Leste maranhense: Nova Iorque, Pastos Bons, Mirador, Paraibano, São João dos Patos, Barão de Grajaú, Passagem Franca, Colinas, Buriti Bravo, São Francisco do Maranhão, Parnarama, Matões, Timon, Caxias, Lagoa do Mato, Sucupira do Riachão, Sucupira do Norte, Água doce do Maranhão, Anapurus, Alto Alegre do Maranhão, Afonso Cunha, Araióses, Aldeias Altas, Buriti, Belágua, Brejo, Coroatá, Chapadinha, Capinzal do Norte, Codó, Coelho Neto, Duque Bacelar, Jatobá, Milagres do Maranhão, Magalhaes de Almeida, Mata Roma, Peritoró, São João do Sóter, Santana do Maranhão, Santa Quitéria do Maranhão, São Benedito do Rio Preto, São Bernardo, Timbiras, Urbano Santos.

<sup>6</sup> Pesquisando as fontes de César Marques no “Dicionário Histórico Geográfico da província do Maranhão”, cópia digitalizada da edição de 1870, a consulta aos verbetes de letras A, B, C e D, indica que o dicionarista consultou a correspondência da Secretaria de Governo da Província do Maranhão; um conjunto bibliográfico de 28 obras; vários periódicos, a exemplo da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB, e pesquisa de campo, nesse caso, conferir verbete Arari.

<sup>7</sup> Foram entrevistados: Benedita Sudário dos Santos Vilanova, 49 anos, servidora pública; Francisca dos Santos Melo, 80 anos, professora aposentada; Francisco das Chagas Sudário dos Santos, 56 anos, lavrador; Edgar Gaet Vilanova, 48 anos, lavrador; José Gomes Vilanova, 70 anos, lavrador aposentado; Maria da Conceição Gaet Vilanova 66 anos, lavradora aposentada.

<sup>8</sup> Reiterar os limites do espaço pesquisado, rios Parnaíba e Itapecuru (leste/oeste); Caxias e Pastos Bons (norte/sul). Em alguns trechos do artigo designamos o espaço de “vasta área do leste maranhense”.

<sup>9</sup> Cabral, 1992; Cunha, 2015.

Havia um ponto de interseção entre as duas configurações socioeconômicas que, posteriormente, recebeu a denominação de Matões. Ponto de passagem de padres e aventureiros que buscavam o sertão. Boiadeiros procurava o lugarejo para repousar das jornadas entre a região do Gurguéia, no Piauí, e Aldeias Altas.<sup>10</sup>

A historiografia registrou que, a partir do século XVIII, se estabeleceram na região de Matões os primeiros fazendeiros com suas fazendas de criar gado,<sup>11</sup> atividade considerada determinante para ocupação e exploração de vasta área do leste maranhense. A visibilidade dada à pecuária colocou em segundo plano o estudo da agricultura, sobretudo o cultivo de alimentos. Porém, tanto quanto a pecuária, as culturas vegetais, sejam grãos, gramíneas, tubérculos e frutos, contribuíram decisivamente para a fixação e o sustento dos grupos populacionais na região. Admite-se como provável que a cada curral levantado implicava uma roça<sup>12</sup> ou, pelo menos, algumas tarefas<sup>13</sup> de mandioca, para fabricação de farinha, elemento base da alimentação.<sup>14</sup>

#### *Cultivo de alimentos, segunda metade do século XIX*

Consultando o “Dicionário Histórico Geográfico da província do Maranhão”, consta que havia na sede da freguesia<sup>15</sup> de São José dos Matões, conjuntamente com a igreja, “muitas casas de secos e molhados, algumas tendas de vários ofícios e artes, engenhos para o fabrico da cachaça e rapadura, alguns criadores de gado e muitos lavradores de arroz, algodão e mandioca.”<sup>16</sup> Através desse fragmento de texto, publicado em 1870, presume-se que por essa época, na referida freguesia, o cultivo de alimentos havia ultrapassado a criação de gado em importância econômica.

Observa-se que o dicionarista organizou a população em dois grupos segundo a atividade laboral, “muitos lavradores”, maior grupo profissional, e “alguns criadores”, menor grupo profissional. Essa classificação da população esta conforme o resultado do censo demográfico de 1872. A pesquisa inseriu um tópico “População considerada em relação às

---

<sup>10</sup> IBGE, 1959, p. 219.

<sup>11</sup> IBGE, 1959, p. 219.

<sup>12</sup> Roça compreende pequeno cultivo de alimento, em geral, para consumo do roceiro ou lavrador. Cf. Ormond, 2006, p. 257; Oliveira, 2012.

<sup>13</sup> O entendimento é “algumas carreiras ou linhas de mandioca plantadas”, para consumo exclusivo do lavrador. Cf. Ormond, 2006, p.277; Mota, 2005, p. 290.

<sup>14</sup> Silva, 2006.

<sup>15</sup> Opta-se por freguesia, unidade básica do recenseamento de 1872.

<sup>16</sup> Marques, 1870, p. 509.

profissões”, do conjunto das ocupações destacam-se as “profissões agrícolas” evidenciadas no quadro, com o número de trabalhadores por freguesias localizadas na área em estudo.

Quadro 01: Profissões Agrícolas no leste do Maranhão, por freguesias.

Paróquia	Lavradores	Criadores	Sem profissão	População Total
Nossa Senhora de Nazaré da Trizidela	1 978	77	1 491	5 017
São Benedito de Caxias	3 615	84	3 482	10 626
Nossa Senhora da Conceição e São José de Caxias	2 636	87	2 923	8 959
São Bento de Pastos Bons	6 148	00	3 523	11 744
São Sebastião da Passagem Franca	4 157	221	4 305	10 936
São José dos Matões	7 747	113	4.380	15 442
TOTAL	26 281	582	20 104	62 724

Fonte: Censo 1872, [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477\\_v6\\_ma.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v6_ma.pdf)

A região que abrange as cinco freguesias era habitada por 62.724 pessoas, 26.281 trabalhavam na agricultura, quantidade superior a de criadores. Expressivo número de 20.104 pessoas declarou não ter profissão, presume-se que esse contingente estava envolvido com o cultivo da terra, atividade necessária à sobrevivência de todos. Por consequência, aumenta para 46.385 o número de lavradores. A divisão da população segundo o dicionarista Augusto César Marques e os dados do censo demográfico de 1872 estão em conformidade. A maioria da população era composta de trabalhadores na agricultura<sup>17</sup> e não de criadores de gado. A mão de obra empregada na pecuária, atividade considerada economicamente relevante para a região, era em quantidade muito inferior a empregada na agricultura. Um ou dois vaqueiros, um pequeno número de auxiliares, era suficiente para cuidar do rebanho. É que o cultivo de alimentos não tem a mesma visibilidade da pecuária nem da produção agrícola voltada exclusivamente para o mercado, a exemplo do algodão.

É significativo o trecho que César Marques escreveu sobre a população da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Araisos, local mais ao norte do leste do Maranhão, fora da área de abrangência dessa pesquisa.

**Não se dedicam muito os habitantes desta freguesia á lavoura, com quanto gozem da felicidade de possuírem terras muito próprias, sendo as**

<sup>17</sup> Os lavradores não constituem uma categoria socioprofissional uniforme. No século XIX, a definição de lavrador abrange tanto o humilde meeiro como o grande fazendeiro cf. Mota, 2005, p. 278-279.

margens dos rios inundadas pelo fluxo e refluxo do mar, ou pelas enchentes do Parnaíba, que alcançam espaço superior a duas léguas.

**Plantam arroz, cana, fumo, melancias, ananases, melões, pacovas ou bananas e mandioca.** Este último gênero dentro de seis meses está maduro e em estado de ser empregado no fabrico da farinha, **porem só em quantidade suficiente para o consumo da localidade.**<sup>18</sup> (destaques nosso)

Na literatura consultada, textos relativos ao Maranhão e também ao Piauí,<sup>19</sup> divulgaram o ponto de vista de que a população não demonstrava inclinação para o trabalho. Curiosamente, os relatos que denunciam a aversão ao trabalho, apontam o cultivo de gêneros alimentícios “em quantidade suficiente para o consumo da localidade” sem creditar para as camadas desprovidas de recursos próprios o peso do trabalho de produzir alimentos. É que as elites e seus intelectuais não estimavam os resultados sociais do cultivo de alimentos.

No “Dicionário Histórico-Geográfico da província do Maranhão” são muitas as informações sobre técnica de lavrar a terra. Sobre a freguesia de São Sebastião da Passagem Franca o dicionarista escreveu.

É bem conhecido o sistema primitivo, rotineiro, ou transumante da nossa lavoura. As roças são feitas com a foice, o machado e o sacho. Brocam e derribam em junho ou julho, tocam fogo em agosto ou setembro e plantam de outubro por diante.<sup>20</sup>

A roça é a unidade de produção agrícola, que utiliza técnicas e instrumentos simples, cultivo de produtos agrícolas diversos em um mesmo espaço e a dependência da natureza, uma vez que os lavradores seguem um calendário que depende do inverno e do verão para plantar e colher. Nas citações sobre São José dos Matões e Nossa Senhora da Conceição de Araisos ficou registrado os gêneros cultivados nas duas freguesias. Com base nessas informações elaborou-se um quadro com as seis freguesias do quadro 01.

Quadro 02: Gêneros cultivados por freguesia.

Freguesia	Cultivo
Nossa Senhora de Nazaré da Trizidela	Arroz, feijão, milho, cana de açúcar e mandioca
São Benedito de Caxias	Arroz, feijão, milho, cana de açúcar e mandioca
Nossa Senhora da Conceição e São José de Caxias	Arroz, feijão, milho, cana de açúcar e mandioca
São Bento de Pastos Bons	Cana de açúcar e arroz
São Sebastião da Passagem Franca	Cana de açúcar, arroz e mandioca
São José dos Matões	Arroz, mandioca e cana de açúcar

<sup>18</sup> Marques, 1870, p. 26.

<sup>19</sup> Durão, 1977, p. 557; cf. vários trechos em Costa (1974).

<sup>20</sup> Marques, 1870, v. 2, p. 437-438.

Nossa Senhora da Conceição de Araiões	Arroz, cana de açúcar, mandioca, melancias, ananases, melões, pacovas ou bananas
---------------------------------------	--

Fonte: Marques, 1870.

Na freguesia de São José dos Matões, assim como nas demais freguesias, cultivam arroz. No “Dicionário Histórico Geográfico da província do Maranhão” as notícias sobre o cultivo desse produto datam do século XVIII, plantavam dois tipos, “o *arroz da terra*, vermelho, e geralmente conhecido pelo nome de-*arroz de Veneza*” e “arroz branco, vulgarmente chamado-*arroz da Carolina*”. Nessa centúria e na seguinte, o arroz foi produzido em escala comercial, vendido para o exterior e comercializado em feiras e mercados do Maranhão.<sup>21</sup> Todavia, parte do roçado atendeu as necessidades do lavrador, esse é o objetivo primeiro do cultivo de alimentos.

A cana de açúcar é cultivada em todas as freguesias. No Maranhão, o cultivo de cana em roças, se estendeu do último quartel do século XVIII até o terceiro quartel do século passado, quando cedeu espaço para a grande plantação monocultora, visando exclusivamente à comercialização. O cultivo de cana em roças deixa visível um sistema de produção constituído de pequenos alambiques e engenhos, sem muitos recurso e técnica pouco elaborada, para fabricação de cachaça e rapadura. Na segunda metade do século XIX considerável parcela das freguesias do Maranhão possuíam pequenos engenhos de beneficiamento da cana,<sup>22</sup> não apenas o Maranhão, mas outras províncias como o Piauí, Ceará e Paraíba.

No século XIX quase todo núcleo populacional do Maranhão cultivava mandioca, também conhecida como mandioca brava para diferença da mandioca mansa, macaxeira, consumida “in natura”. É estranho não constar o cultivo na freguesia de São Bento da Passagem Franca, pois no século XIX o cultivo da mandioca estava bastante difundido, seus derivados eram itens básicos da alimentação das camadas sociais com poucos recursos.<sup>23</sup> Do beneficiamento da mandioca resultavam dois tipos de farinha (farinha de sol e farinha d’água),<sup>24</sup> três tipos de tapioca (tapioca de sol,<sup>25</sup> tapioca de forno<sup>26</sup> e tapioca do Pará),<sup>27</sup> um

<sup>21</sup> Barros Júnior, 2011; Marques, 1870, p. 28-30.

<sup>22</sup> Marques, 1870.

<sup>23</sup> Marques, p. 208-209.

<sup>24</sup> Sobre a farinha d’água, Marque escreveu, “Tem a cor amarelada, e muito menos goma que a seca, ou quase nada, com sabor diferente desta, mas que não lhe é inferior, mormente quando a fazem com esmero, como costumam faze-la alguns moradores da margem do Itapecuru, no lugar denominado Taipú, pouco acima da vila de Rosário. O preço desta é sempre muito mais caro que o da outra, provavelmente por dar maior trabalho o seu fabrico, razão também porque é muito menos usada que a seca.”, cf. Marques, 1870, p. 208.

<sup>25</sup> Farinha amilácea muito fina, gomosa, colocada para secar ao sol, cf. Marques, 1870, p. 208.

<sup>26</sup> Farinha amilácea muito fina, gomosa, colocada para secar ao “calor do fogo”, cf. Marques, 1870, p. 208-209.

tipo de aguardente, chamada “Tiquira”<sup>28</sup> e um tipo de condimento, o “tucupi”.<sup>29</sup> Depreende-se da fonte que a produção não era apenas para consumo do agricultor, mas também para comercialização.<sup>30</sup>

No dicionário de César Marques, poucas informações sobre o cultivo do feijão e do milho. Encontra-se em quantidade considerável informações sobre frutos nativos e cultivados, as mais antigas datam do século XVIII e referem-se às frutas de roça, melancia e melão. Mas ficou o registro de banana, laranja, ananás, manga tangerina, coco da baía, abacate, ata, mamão, jaca, lima e limão. Há registro da circulação de frutos nativos como pequi, caju e buriti. Presume-se que, já no século XIX, havia o comércio de frutas, mas registros sobre essa atividade comercial só a partir da primeira metade do século XX.

### *Cultivo de alimentos, primeira metade do século XX*

Pelo recenseamento de 1950, na área das seis freguesias, situava-se os municípios: Barão de Grajaú, Buriti Bravo, Caxias, Colinas, Mirador, Nova Iorque, Parnarama, Passagem Franca, Pastos Bons, São Francisco do Maranhão, São João dos Patos e Timon.<sup>31</sup> São José dos Matões, município no século XIX, perderá a autonomia, recuperando-a em 1952, nesse mesmo ano também foi criado na região o município de Paraibano. Na “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” constam dados sobre todos os municípios aqui mencionados.

O censo demográfico de 1950 chegou a uma mesma conclusão do censo de 1872, na vasta região do leste maranhense aqui investigada, prevalecia a população rural sobre a urbana, na proporção de 33.670 indivíduos residentes na zona urbana,<sup>32</sup> para 257.625 residentes na zona rural.<sup>33</sup> Esse elevado contingente populacional se sustenta das atividades rurais.<sup>34</sup> O Censo demográfico de 1950 relacionou quatorze “ramos de atividades”,

---

<sup>27</sup> Sobre esse tipo escreveu: “A aparência desta última, e mesmo o gosto, difere muito das duas primeiras, pois longe de ter polvilho como aquelas, é demasiadamente caroçuda, e só se costuma empregar-la como alimento, quer em papa, quer de outras maneiras diferentes.”, cf. Marques, 1870, p. 208.

<sup>28</sup> Marques (1870) no verbete “Aguardente” registra a fabricação de tiquira no Maranhão, desde meados do século XVII.

<sup>29</sup> Espécie de molho feito com água de goma e pimenta, que acompanha vários pratos da cozinha do Norte do Brasil.

<sup>30</sup> Marques, 1870.

<sup>31</sup> Censo demográfico 1950.

<sup>32</sup> Esse total corresponde a soma de 18.248 indivíduos residindo na zona urbana e 15.422 na zona suburbana, categorias populacionais consideradas pelo censo demográfico de 1950.

<sup>33</sup> Censo demográfico 1950.

<sup>34</sup> A referência é Lei Federal 8.023 de 12.04.1990, considera-se atividade rural: agricultura; pecuária; extração e exploração vegetal e animal; exploração da apicultura, avicultura, cunicultura, suinocultura, sericultura, piscicultura e outras culturas animais; “a transformação de produtos decorrentes da atividade rural, sem que sejam alteradas a composição e as características do produto in natura, feita pelo próprio agricultor ou criador, com equipamentos e utensílios usualmente empregados nas atividades rurais, utilizando exclusivamente matéria-

interessam para a pesquisa apenas duas, “agricultura, pecuária e silvicultura”, representadas no quadro 04 apenas pelo cultivo de gêneros e fruticultura, e “indústrias de transformação”.<sup>35</sup>

Quadro 04: Aspectos da economia dos municípios.

Município	Cultivo de Gêneros	Fruticultura	Indústria de transformação
Caxias	Arroz, milho, cana de açúcar.	Não informado	Fubá de milho e arroz, aguardente de cana, rapadura, arroz despulpado.
Timon	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca brava, mandioca mansa (macaxeira).	Banana	Aguardente de cana, arroz despulpado, óleo de coco.
Matões	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão, fava, batata doce.	Banana, laranja, manga, melancia, tangerina.	Rapadura, farinha de mandioca.
Parnarama	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão, fava.	Banana, laranja, tangerina, limão.	Aguardente de cana, arroz despulpado, rapadura, farinha de mandioca.
São Francisco do Maranhão	Arroz, milho, mandioca, feijão.	Não informado	Farinha de mandioca
Buriti Bravo	Arroz, milho, mandioca, feijão, fava.	Laranja	Aguardente de cana, arroz despulpado, rapadura.
Colinas	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão, fava.	Banana, laranja, manga, coco da baía.	Aguardente de cana, arroz despulpado.
Passagem Franca	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão, fava, batata doce.	Banana, laranja, melancia, limão, abacate.	Aguardente, arroz despulpado, rapadura, farinha.
Barão de Grajaú	Arroz, milho, mandioca, feijão, fava, batata doce.	Laranja, manga, limão.	Arroz despulpado
São João dos Patos	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão.	Banana, laranja, manga, melancia, tangerina, abacaxi.	Aguardente de cana, farinha de mandioca.
Paraibano	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão, fava.	Não informado	Aguardente, farinha de mandioca.
Mirador	Arroz, milho, mandioca.	Banana, laranja, melancia, tangerina, abacate.	Não informado
Pastos Bons	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão.	Laranja	Aguardente de cana, rapadura, farinha de mandioca.
Nova Iorque	Arroz, milho, cana de açúcar, mandioca, feijão.	Banana, laranja, melancia.	Farinha

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros

prima produzida na área rural explorada, tais como a pasteurização e o acondicionamento do leite, assim como o mel e o suco de laranja, acondicionados em embalagem de apresentação”.

<sup>35</sup> Aquelas atividades “decorrentes da atividade rural, sem que sejam alteradas a composição e as características do produto in natura, feita pelo próprio agricultor ou criador, com equipamentos e utensílios usualmente empregados nas atividades rurais, utilizando exclusivamente matéria-prima produzida na área rural”, esse trecho da Lei 8.023, 12.04.1990 se aplica bem a noção de indústria no Maranhão da primeira metade do século XX.



Observa-se na coluna “cultivo de gêneros”, os mesmos produtos cultivados nas seis freguesias do século XIX, arroz, mandioca, cana de açúcar, feijão e milho. O arroz é cultivado em todos os municípios, já predominava o arroz branco ou “arroz da Carolina”, como se observa na obra “O que se deve comer” de Domingos de Castro Perdigão. Essa obra quebra o silêncio das fontes em relação ao milho e o feijão, os dois produtos aparecem na mesa do maranhense como ingrediente de muitas receitas culinárias. No caso do milho, calcula-se que parcela da produção era transformada em fubá para uso culinário e outra parcela para ração animal.

Pela “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” é possível afirmar que a mandioca é cultivada em quase todo o Maranhão. No quadro 04, de quatorze municípios arrolados, treze são produtores de mandioca, apenas Caxias não apresenta o cultivo. O que é muito estranho, uma vez que esse município é ainda hoje produtor de farinha de mandioca. O mesmo acontece com o cultivo de cana de açúcar vulgarizado por quase todo o estado, raro o município maranhense que em meados do século XX não cultivava ou transformava a cana.

No quadro 04, embora não tenha registro do cultivo de cana de açúcar em Buriti Bravo, mas o município fabricava aguardente e rapadura. Não é destituído de sentido conjecturar acerca da compra da produção de cana para beneficiar em seus engenhos. Na região pesquisada, ao longo da primeira metade do século XX, nota-se efetiva movimentação comercial entre os municípios e, também, com outros estados, Piauí, Ceará, Pernambuco estão entre os mais citados, mas também São Paulo aparece com frequência nos registros. Buriti Bravo, por exemplo, vende parte da sua produção agrícola para São João dos Patos e Floriano, município do Piauí, e também para Recife e Fortaleza.

Em Matões, agora unidade municipal independente, produziam os mesmos gêneros alimentícios do século XIX, quando era freguesia de São José dos Matões. Exportava gêneros alimentícios para Teresina, capital do Piauí, e importa “ferragens, tecidos, miudezas, café, produtos farmacêuticos e derivados de petróleo”.<sup>36</sup> Depoimento colhido na pesquisa de campo, um morador da localidade Bacuri, explica que entre 1972 e 1996, algumas vezes, comercializou com compradores da cidade, produtos retirados da roça. “Já vendi arroz. Guardava uma parte que era pra consumo e a outra a gente vendia pra o pessoal da cidade. [...] Não, não foi muito tempo. Todo ano não”. Outro entrevistado garante que esse comércio era realizado por outras famílias, prática comum, “também outros moradores da localidade

---

<sup>36</sup> IBGE, 1959, p. 219-222.

faziam, quem não tinha emprego tinha que vender pra pegar um dinheirinho pra comprar uma coisa, um remédio”.

Completa esse movimento comercial as feiras temporárias, acontecendo em locais e dias alternados. Ao ar livre, em bancas improvisadas os feirantes oferecem legumes,<sup>37</sup> frutas, verduras<sup>38</sup> e peixes, em Timon, Colinas, São João dos Patos e Nova Iorque ficou registrado a comercialização de peixes de água doce, curimatá, piau, surubim, bagre, corvina, mandi e fidalgo.<sup>39</sup> A quantidade de pescado não parece pequena, visto que Timon consumia e exportava peixes para Teresina.

Era comum o comércio de animais domésticos (porcos e bodes) e silvestres, vivos e abatidos, cuja carne era apreciada pela população. As caçadas aconteciam regularmente, uma vez que peles e penas eram mercadorias valiosas. Cidades do Piauí, a exemplo Floriano, centralizava esse horrendo comércio, envolvendo também cidades ribeirinhas do Maranhão. Na “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” ficou registrado que a fauna de Parnarama, São Francisco do Maranhão, Paraibano, São João dos Patos, Mirador, Pastos Bons era rica em caça, veados, cotias, queixadas, caititus, capivaras, perdizes, juritis estavam entre animais e aves abatidas.

Em Matões também havia o comércio de frutas “no varejo e a grosso”, nas feiras temporárias vendiam pequenas quantidades para consumo das famílias locais. Mas o quadro 05 apresenta o comércio de grandes quantidades, em geral, para revenda em outros municípios.

Quadro 05: Produção de frutas em Matões.

FRUTAS	UNIDADE	VOLUME	VALOR (Cr\$)
Banana	Cacho	65 000	1 950 000
Laranja	Cento	46 500	1 395 000
Manga	Cento	2 000	40 000
Melancia	Fruto	7 300	21 900
Tangerina	Cento	11 500	345 000

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.

Observa-se no quadro a produção de frutas no município de Matões no final na década de 1950, com frutos cultivados, volume comercializado e valores em moeda da época. Como colocado anteriormente, há registro do cultivo de frutas já no século XIX, a exemplo da melancia e melão, frutas de roças. São consumidas também as frutas nativas sazonais como

<sup>37</sup> Ormond, 2006, p. 176.

<sup>38</sup> Ormond, 2006, p. 297.

<sup>39</sup> IBGE, 1959, p. 240.

pequi, bacuri e buriti, não há indícios de que eram produtos de mercado. A “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” registrou que em meados da centúria passada havia comércio de frutas entre os municípios do Maranhão e, também, com o vizinho estado do Piauí.

Em Matões, como em todo o Maranhão, a atividade industrial dependia do setor agropecuário e extrativista, fornecedores de matérias-primas para fabricação de outros produtos. O entendimento de indústria está ligado a máquinas que se pode operar com as mãos, com a força animal. Nesse sentido, as fábricas compreendem pequenos engenhos, alambiques e fornos. Em 1955 ficou registrado que a indústria de Matões era “pouco expressiva, é praticada utilizando-se métodos rotineiros e primitivos”.<sup>40</sup> A “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” oferece dados sobre essas máquinas. Na década de 1950, “apresenta a indústria de produtos alimentares [do município de Brejo] maior valor de produção, com 367 fornos de farinha de mandioca e 45 fábricas de rapadura e 07 motores de pilar arroz”. Mas na região pesquisada, estava surgindo uma moderna indústria de alimentos, com a fabricação de guaraná em Caxias e de pão e bolacha em Timon.<sup>41</sup>

#### *Cultivo de alimentos, primeiras décadas do século XXI*

Pelo recenseamento de 2010, com a criação dos municípios Lagoa do Mato, Sucupira do Norte e Sucupira do Riachão, aumentou o número de unidades municipais na área onde o recenseamento de 1950 apontava apenas quatorze municípios,<sup>42</sup> perfazendo um total de dezessete municípios. As alterações de um censo para o outro, se manifesta também em relação à questão demográfica.

Quadro 06. Dados demográficos.

Ano do censo	População urbana	População rural	População total
1950	33.670	257.625	291.295
2010	421.455	178.446	599.901

Fonte: Censo 2010.

Pela primeira vez na região, a população urbana superou a população rural. O aumento de pessoas na zona urbana implica mudanças ainda em processamento no campo e nas

<sup>40</sup> IBGE, 1959, p.221.

<sup>41</sup> O destaque para a indústria é para salientar que o cultivo de alimentos determina também o que produzir em outros setores da economia, algo que se observa já no século XIX.

<sup>42</sup> Censo demográfico 1950, municípios: Barão de Grajaú, Buriti Bravo, Caxias, Colinas, Matões, Mirador, Nova Iorque, Paraibano, Parnarama, Passagem Franca, Pastos Bons, São Francisco do Maranhão, São João dos Patos e Timon.

idades. Na zona rural, não foram criadas condições favoráveis ao desenvolvimento das atividades agropecuárias, sobretudo em relação ao cultivo de alimentos. O Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos-IMESC, em estudo recente realizou diagnóstico sobre a atividade agrícola.

Apesar da expansão do agronegócio no sul maranhense, a estrutura do setor agrícola ainda é caracterizada fortemente por uma agricultura de subsistência, com utilização dos mesmos tipos de instrumentos utilizados nos séculos passados (foice, machado, facão, enxada), evidenciando a baixa produtividade da agricultura no Estado.<sup>43</sup>

A agricultura continua importante setor da economia maranhense, mas no cultivo de alimento permanecem as mesmas condições de produção dos séculos XIX e XX, lavoura de subsistência, utilização de padrão tecnológico inferior e baixa produtividade. O diagnóstico não se aplica ao tipo de cultivo com fins exclusivamente comerciais, a exemplo do algodão no passado e a soja no presente. Nas primeiras décadas desse novo século XXI, a novidade na agricultura do Maranhão é o agronegócio de soja que se instalou em municípios do sul do estado, a exemplo de Balsas.

O cultivo de soja já experimenta expansão, é possível inferir do censo agropecuário de 2017. Ao norte do leste maranhense, na região do antigo brejo dos Anapurus, o agronegócio espera alcançar vultosos lucros e tem grandes chances de sucesso. Observando ainda o leste maranhense, na área de abrangência da pesquisa, os municípios de Caxias, Parnarama, Sucupira do Norte e Pastos Bons apresentam manchas de plantação de soja. Diferente do cultivo de alimentos, o agronegócio apresenta moderna tecnologia de cultivo, alto rendimento de mercado e recebe incentivos de toda sorte, com poucos resultados sociais. O cultivo não é para alimentação da população.

Outra novidade da agricultura maranhense em concorrência com o cultivo de alimentos é a cultura de forragem animal representada pelo sorgo, milho e cana de açúcar. Essa tendência de cultivar ração animal para fins comerciais é decorrente do crescimento da pecuária de corte, que tem incentivado o renascimento da criação de gado bovino em várias regiões do Maranhão. O cultivo de forragem, assim como o agronegócio da soja, avançou sobre as áreas de cultivo de alimentos. Em Caxias, Timon, Matões, Parnarama e Buriti Bravo, os cinco municípios juntos, possuem apenas 57.029 hectares cultivados com alimentos, para 105.170 hectares com pastagens.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> IMESC, 2019, p. 27.

<sup>44</sup> Dados do censo agropecuário 2017.

A agricultura de alimentos também mudou. A roça ainda é a unidade de produção e o calendário agrícola delimitado pelo inverno e verão. Em geral, aproximadamente dez meses do preparo da terra até a colheita. Cultivam os mesmo produtos do passado, milho, mandioca, arroz, cana de açúcar e feijão, os mesmos produtos de roça dos séculos XIX e XX constam em uma tabela de 2015 com as dez principais culturas agrícolas do Maranhão.<sup>45</sup> A novidade é que também experimentam o cultivo desses produtos tradicionais em escala comercial, retirando o cultivo das famílias. O cultivo de alimentos já não tem como objetivo primeiro alimentar o produtor.

Continuando com a tradição da lavoura de diversos produtos em uma mesma roça, cultivam macaxeira, amendoim, fava, abóbora, jerimum, alho e cebola.<sup>46</sup> No setor fruticultor, a novidade é a produção “para o atacado”. Em “Perfil da agricultura maranhense”, constam as mesmas frutas dos dois séculos anteriores, banana, abacaxi e melancia. Mas o censo agrícola de 2017 aponta o comércio de laranja, manga, coco da baía e melão em municípios como Caxias, Timon, Matões, Parnarama, Buriti Bravo, Sucupira do Riachão, Sucupira do Norte, Lagoa do Mato e Pastos Bons. Alguns antigos cultivos de pouca importância comercial foram melhorados, visando o mercado, a exemplo do açaí ou juçara, caju, maracujá, mamão, goiaba e abacate.

Dados de 2015,<sup>47</sup> relacionam Balsas, Tasso Fragoso, Alto Parnaíba, Sambaíba, São Raimundo das Mangabeiras, Riachão, Carolina, Loreto, São Domingos do Azeitão e Brejo como os dez maiores produtores agrícolas do estado do Maranhão. A vocação do estado para a agricultura se volta para as áreas do agronegócio e não para o cultivo de alimentos. Na relação dos maiores produtores agrícolas não consta nenhum dos municípios pesquisados, antiga área de práticas, hábitos e costumes agrícolas. Na vasta região do leste maranhense pesquisada, o cultivo de alimentos regrediu para o nível de subsistência, confirmando o diagnóstico do IMESC.

Em Matões, diminuiu a produção em escala comercial e aumentou a produção em caráter de subsistência.<sup>48</sup> As roças diminuíram significativamente de tamanho, e tende a desaparecer o comércio a varejo. Uma pessoa entrevistada procurou datar essa ocorrência: “Talvez de 2010 pra cá, né não? Todo mundo tá trabalhando só para o consumo, né, ninguém

---

<sup>45</sup> Governo do Estado do Maranhão, 2006.

<sup>46</sup> Censo agropecuário de 2017.

<sup>47</sup> Governo do Estado do Maranhão, 2006.

<sup>48</sup> A implantação de associações de moradores em algumas comunidades tem contribuído para a continuidade do trabalho de lavar a terra e garantir o suficiente para a sobrevivência dos associados.

vende mais”. O decréscimo da produção agrícola a partir do século XXI se mostrar na redução dos produtos costumeiramente cultivados, agora apenas o plantio de arroz e feijão.

## Referências

- ALMEIDA, A. W. B. **A ideologia da decadência**: leitura antropológica a uma história da agricultura do Maranhão. São Luís: IPES, 1983.
- ALMEIDA, Juscinaldo Goes; SODRÉ, Ronaldo Barros; MATTOS JÚNIOR, José Sampaio de. “MATOPIBA nas Chapadas Maranhenses: Impactos da Expansão do Agronegócio na Microrregião de Chapadinha”. **Revista NERA**. São Paulo: Presidente Prudente, v. 22, n. 47, pp. 248-271.
- AMARAL, Luís. **História Geral da Agricultura Brasileira**: no tríplice aspecto político-social-econômico. São Paulo: Editora Nacional, 1958.
- BARBOSA, Fabiano Alvim. **Cenários para a pecuária de corte amazônica**. Belo Horizonte: Ed. IGC/UFMG, 2015.
- BARBOSA, José Luciano Albino. **Engenhos de cana de açúcar na Paraíba**: por uma sociologia da cachaça. Campina Grande: EDUEPB, 20014.
- BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos. **Nas rotas do Atlântico equatorial**: tráfico de escravos rizicultores da Alta-Guiné para o Maranhão (1770-1800). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- \_\_\_\_\_. “O Arroz de Veneza e os trabalhadores de Guiné: a lavoura de exploração do Estado do Maranhão e Piauí (1770-1800)”. **Revista outros tempos**, São Luís, volume 8, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar colher comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado**: conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.
- CARVALHO, Carlota. **O sertão**: subsídios para a História e a Geografia do Brasil. Teresina: EDUFPI, 2011.
- COELHO NETTO, Eloy. **História do sul do Maranhão**: terra-vida-homens e acontecimentos. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979.
- COELHO NETO. **Sertão**. Porto: Artes Gráficas, 1926.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS. “O caso do Maranhão”. Disponível em: <[www.cnm.org.br](http://www.cnm.org.br)>. acesso em: maio 2018.
- CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- COSTA FILHO, Alcebiades. “Ensaio sobre a História da Alimentação: Um olhar a partir do Piauí”. BORRALHO, Henrique (org.). **Literatura, Filosofia, História e outras linguagens**. São Luís: Editora UEMA, 2016, p. 271-293.
- \_\_\_\_\_. “Os sertões do Maranhão e Piauí através do romance “As mamoranas estão florindo”, de Moura Rêgo: registro histórico no texto literário”. MELO, Salânia Maria Barbosa; SOUZA, Joana Batista; SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campos. **Caxias**: memórias, histórias e outros saberes. Teresina: Edufpi, 2016.
- COSTA FILHO, Alcebiades; SILVA, Antônio Wallyson; SILVA NETO, Enos Soares. “Lavoura de alimentos em área de pecuária: mandioca e cana de açúcar no Piauí entre 1900 e 1950”. **Revista Piauiense de História Social e do Trabalho**. Teresina Ano III, nº 5, Jul/Dez, 2017.

- COSTA, Pereira da. **Cronologia histórica do estado do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- CUNHA, Roberto César. “Ocupação e o desenvolvimento das duas formações socioespaciais do Maranhão”. **Revista CaderNAU** - Caderno do Núcleo de Análises Urbanas, v. 8, n. 1. Porto Alegre: FURG, 2015, p. 133-152.
- DURÃO, Antonio José de Moraes. “Descrição da capitania de São José Do Piauí – 1772”. **Revista de História**. São Paulo, USP, n. 112, 1977, p.543-566.
- GAIOSO, Raimundo J. S. de. **Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão**. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1970.
- GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. Plano de ação para prevenção e controle do desmatamento e das queimadas no estado do Maranhão. Disponível em: <www.fundoamazonia.gov.br>. acesso em: fev. 2020.
- GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. **Perfil da agricultura maranhense**. São Luís, 2016.
- GUIMARÃES, Raymundo Carvalho. **Buriti Bravo**, Nesga de sertão. Edições SIOGE, 1979.
- HOEHNE, F. C. **Botânica e agricultura do Brasil no século XVI**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.
- IGLÉSIAS, Francisco de Assis. **Caatingas e chapadões: (notas, impressões e reminiscências do meio - norte brasileiro) 1912-1919**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.
- INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRAFICOS- IMESC. **Produção Agrícola Municipal – o que mudou no Maranhão nos últimos 20 anos?** São Luís: Governo do Estado, 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- \_\_\_\_\_. **Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Produção agrícola municipal: culturas temporárias e permanentes**. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. “Pecuária, Alimentos e Sistemas Agrários no Brasil (Séculos XVII e XVIII)”. Disponível em: <www.historia.uff.br>. acesso em: dez. 2015.
- MACEDO, Eurico Teles de. **O Maranhão e suas riquezas**. São Paulo: Siciliano, 2001.
- MARQUES, Cesar Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da província do Maranhão**. São Luis: Tipografia do Frias, 1870.
- OLIVEIRA, Marcelo Almeida. “As roças brasileiras, do período colonial a atualidade: caracterização histórica e formal de uma categoria tipológica”. **Varia História**, Belo Horizonte, vol.28, nº 48, jul./dez 2012, p.755-780.
- OLIVEIRA, Paulo. **Panorama Histórico de Tutóia e Araiões**. São Luís: Sioge, 1988.
- ORMOND, José Geraldo Pacheco. **Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais**. Rio de Janeiro: BNDES, 2006.
- PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. **Varando mundos: navegação no vale do rio Grajaú**. São Luís: Editora UEMA, 2016.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: brasiliense, 2004.
- PEDROZA, Manoela. “A roça, a farinha e a venda: produção de alimentos, mercado interno e pequenos produtores no Brasil colonial” FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). **O Brasil colonial 1720-1821**. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- PERDIGÃO, Domingos de Castro. **O que se deve comer: adaptação do sistema de alimentação vegetariana para uso dos brasileiros**. Maranhão: J. Pires & Cia., 1918.
- RÊGO, R. M. **As mamoranas estão florindo**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- ROLIM FILHO, C. M. **Maranhão: de província mais rica a estado mais miserável**. Brasília: UnB, 2016.

SANTOS FILHO, Lycurgo. **Uma comunidade rural do Brasil antigo**: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SANTOS, Raimunda Nonata L; SANTOS, R. N. L, **Timon**: uma flor de cajazeiras: do povoado a vila. Timon: Grafeti, 2007.

SOUSA, Raimunda de C; SOUSA, R. de C. **Timon**, sua história, sua gente. Teresina-PI: Halley S.A. Gráfica e Editora, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

**Sites para consultados**

<https://cidades.ibge.gov.br>

<http://www.agricultura.gov.br/>

<https://www.ibflorestas.org.br/>

<http://apem.cultura.ma.gov.br>

<http://mapa.an.gov.br>

<http://www.icmbio.gov.br/portal/>

<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br>

*Recebido em 28 de setembro de 2019*

*Aprovado em 02 de março de 2020*